

PERCEPÇÃO DOS ALUNOS DA FATEC ZONA LESTE COM RELAÇÃO ÀS AULAS DE LÍNGUA INGLESA DURANTE A FASE DE PANDEMIA

Fatec Zona Leste Students' Perception of English Lessons During The Pandemics

Mônica Éboli DE NIGRIS (Fatec Zona Leste, São Paulo/SP, Brasil)

RESUMO: *Este texto tem por objetivo mostrar como a atuação reflexiva pode auxiliar no processo de aprimoramento da ação docente. O foco concentrou-se na primeira fase da pandemia em uma turma específica de ensino superior tecnológico em que a língua inglesa faz parte da grade curricular. Para sua execução foram usadas as abordagens de Bakhtin sobre signo ideológico (2002), esfera de atividade (2002) e o texto como construção cultural (2002), além do guia investigativo para o professor reflexivo, de McKay (2003). O trabalho foi realizado a partir de rodas de conversa que nortearam a realização das perguntas do questionário feito no aplicativo Forms; das respostas dos alunos e da observação do contexto da pandemia. Os dados coletados apontam para uma percepção positiva de parte dos discentes com relação à aprendizagem por ensino remoto. Para gestores e docentes, apresentam-se desafios de infraestrutura tecnológica e de adaptações metodológicas.*

PALAVRAS-CHAVE: Professor Reflexivo; Bakhtin; Ensino de Língua Inglesa; Aulas Remotas; Pandemia

ABSTRACT: *This text aims to show how the reflexive action can help in the development of a teacher's performance. The focus is on the first phase of the pandemic in a class of a technology college in which the English language is part of the curriculum framework. Bakhtin's ideological sign notion (2002), activity sphere (2002) and the text as a cultural construction (1993) were used as a theoretical basis. Besides that, the investigative guide for the reflexive teacher by McKay (2003) also served as a guideline. This paper was based on oral discussions that helped to make the questions asked in the online Forms quiz, the answers given and the observation of the pandemic context. The collected data suggests that part of the students had a positive perception of their learning in online lessons. To school boards and professors, challenges are the technological infrastructure and methodological adaptation to virtual classes.*

KEYWORDS: Reflexive Teaching; Bakhtin; English Language Teaching; Online Lessons; Pandemic.

Introdução

O papel do professor reflexivo é constantemente questionar-se sobre sua prática docente com vistas a aprimorar suas aulas. Isso implica em perguntar-se quem somos, quais são nossos valores, e em que realmente acreditamos. E é desse ponto de partida que podemos observar nossas ações e procedimentos em sala de aula.

Em virtude da pandemia do novo coronavírus, circunstâncias inéditas surgiram e um conjunto de fatos, até então desconhecidos, passou a permear as vidas de inúmeras pessoas ao redor do planeta. No que tange à educação, nós, docentes, fomos impactados de várias formas, desde o campo pessoal, com o enfrentamento da pandemia e possíveis casos de covid em nossos círculos de convivência, até a adequação profissional e metodológica dos docentes às aulas remotas. Em termos contextuais, refiro-me ao primeiro semestre de 2020, quando ocorreu no Brasil o primeiro caso do novo Coronavírus.¹

A partir do primeiro registro de contaminação pelo Covid-19 na cidade de São Paulo, passamos de observadores das notícias vindas da China e de como o vírus se espalhou pela Europa e EUA a participantes desse complexo momento. A tensão foi se estabelecendo gradativamente, seguida de muitas dúvidas. Na quinta-feira, 19 de março de 2020, nós, professores da Fatec Zona Leste (São Paulo/S.P.), já conscientes da gravidade da situação, tomávamos as primeiras providências, como lavar as mãos, não abraçar e não nos cumprimentarmos com beijos no rosto; ao espirrar ou tossir, colocar o braço sobre a boca. Pelos corredores ou na sala dos professores, trocávamos informações, dúvidas e incertezas que acenavam no horizonte docente. Vale lembrar que no princípio, pouco se sabia sobre o vírus em questão, a vacina era uma realidade distante e o uso de máscaras ainda não havia sido implementado. A solução encontrada, então, foi o distanciamento social.

A primeira semana de afastamento ocorreu a partir do dia 16 de março de 2020 e a notícia chegou aos professores por meio de um comunicado oficial nomeado **Comunicado Coronavírus – 3**, datado de 13 de março de 2020. Nessa semana, ainda não havia um recesso oficial, mas um processo de afastamento gradual. Os professores, nesse momento, tiveram de recorrer ao SIGA (Sistema Integrado de Gestão Acadêmica) e aos seus endereços eletrônicos para postarem atividades, vídeos e orientações para aquele período. As tarefas requisitadas aos alunos eram, de modo geral, enviadas para os endereços eletrônicos, eram lidas e corrigidas e um *feedback* era enviado aos alunos.

Em 23 de março de 2020, as Fatecs entraram oficialmente em recesso. Recebíamos as notícias e decisões tomadas pelo governo e pelo Centro Paula Souza (autarquia do governo do Estado de São Paulo que gerencia Etecs e Fatecs) que chegavam aos docentes por intermédio de mensagens enviadas em nossos endereços eletrônicos e repassadas em mensagens de Whatsapp. Foi durante esse período que recebemos informações de como seriam as nossas aulas desse ponto em diante: trabalharíamos em

¹ O site do governo brasileiro noticiou o primeiro caso do novo Coronavírus em território nacional no dia 26 de fevereiro de 2020, na cidade de São Paulo.

aulas remotas, usando a plataforma Teams, da Microsoft. A tecnologia despontou como a solução para a impossibilidade dos encontros presenciais, que deveriam ser evitados ao máximo.

Os professores receberam, então, cartilhas e participaram de capacitações para que pudessem atuar na plataforma Teams. Também foram distribuídos textos e vídeos sobre as melhores práticas para as aulas remotas e para o trabalho *home office* (termo em inglês usado para definir o trabalho realizado de casa, sem a presença obrigatória no local de trabalho) ou teletrabalho (termo usado em língua portuguesa para o trabalho realizado remotamente). Na sequência, os docentes participaram do chamado Plano de Capacitação nas Fatecs – Aulas Online no Ambiente MS Teams. Os encontros ocorreram de forma remota de 22/04/20 a 30/04/20 e tinham como propósito preparar docentes e discentes para a nova modalidade de aulas. Mediante este processo de adaptação, muitos professores sentiam-se ansiosos sobre como desempenhariam suas funções. Os questionamentos variavam de como ministrar uma aula de cálculo a como inserir o áudio de uma atividade de compreensão oral em língua estrangeira. Enfim, as perguntas eram muitas e diferentes, dependendo das experiências individuais e das disciplinas ministradas.

Em 4 de maio de 2020, reiniciamos nosso período letivo, agora em nova fase: com aulas remotas. Aos poucos, nossas inseguranças foram sendo sanadas com a prática diária e à medida em que nos tornávamos mais aptos ao uso da plataforma. Acostumamo-nos a perguntar aos professores de plantão e aos colegas como fazer quando não sabíamos realizar algum procedimento; pesquisas na Internet sobre ferramentas tecnológicas e metodologias ativas também fizeram parte de nosso cotidiano, além de capacitações e cursos online. Com maior ou menor conhecimento das possibilidades que a plataforma apresenta, todos demos nossas aulas com o firme propósito de levar adiante o semestre antes interrompido.

O fim oficial do primeiro semestre letivo de 2020, no entanto, não sanou todas as nossas dúvidas (e nem deveriam) sobre o ensino remoto. À medida que nossas aulas caminhavam para o término, como professora reflexiva diante de tantas novas possibilidades, levantei questionamentos sobre a experiência dos estudantes naquele período: Como os alunos perceberam sua aprendizagem nas aulas remotas? Após a experiência nas aulas remotas, o que os alunos consideraram mais efetivo: as aulas presenciais ou as remotas?

Para tentar criar um panorama da percepção dos alunos, foi criado um questionário no aplicativo Forms e postado na própria plataforma Teams, que abarcou estudantes do curso de Comércio Exterior, no nível IX-X, da Fatec Zona Leste. Foram recebidas 30 respostas advindas dos discentes dessa turma. Vale observar que a disciplina de Língua Inglesa faz parte da grade curricular do curso e possui onze níveis distribuídos ao longo dos três anos de sua duração.

Este texto reflexivo tem, então, por objetivo, reportar o novo contexto, discutir a prática social docente e fazer considerações a partir das respostas dos discentes de como perceberam sua aprendizagem durante o período das aulas remotas de 4 de maio de 2020

a 18 de julho de 2020. Para tanto, serão utilizados como suporte teórico as abordagens de Bakhtin sobre *signo ideológico* (2002), *esfera de atividade* (2002) e *o texto como construção cultural* (2002) e o guia investigativo para o professor reflexivo, de Sandra Lee McKay. (2003).

1. O professor reflexivo e o contexto social e histórico

Apesar de não definir a expressão “professor reflexivo”, McKay (2003) aponta para o fato de que docentes precisam tomar decisões durante o exercício de suas aulas e previamente, quando estão no processo de planejamento. Quando estão preparando suas aulas, os professores (a partir de suas cargas enciclopédicas, vivências e valores) podem usar suas experiências anteriores como fonte de reflexão. O questionamento, a busca de um porquê para a realização de suas ações, de acordo com a autora, é um relevante aspecto do que chama de “professor reflexivo”.

Constituinte da experiência humana, a linguagem manifesta-se de forma oral ou escrita nos variados textos que produzimos. Esse processo de construção cultural depende do registro, da transmissão e do aperfeiçoamento do conjunto de saberes que nos cercam. O conhecimento, dessa forma, não é fruto somente das práticas do presente, mas de como elas se desenvolvem, dos diálogos que se estabelecem, das vozes que as permeiam. Ao discutir o enunciado em *Questões de Literatura e Estética: a Teoria do Romance*, Bakhtin afirma:

“O enunciado existente, surgido de maneira significativa num determinado momento social e histórico, não pode deixar de tocar os milhares de fios dialógicos existentes, tecidos pela consciência ideológica em torno de um dado objeto de enunciação, não pode deixar de ser participante ativo do diálogo social. Ele também surge desse diálogo como seu prolongamento, como sua réplica, e não sabe de que lado se aproxima desse objeto. (BAKHTIN, 2002. p.86)

Nossas produções textuais ocorrem em virtude de nossas necessidades como agrupamentos humanos e surgem de nossa interação social. De um modo geral, os indivíduos se reúnem em torno do contexto em que se encontram e produzem atividades de linguagem pertinentes ao grupo. A estes núcleos produtores chamaremos de *esferas de atividades* e ao resultado de suas práticas, *atividades de linguagem*. De acordo com Brait e Rojo: “..., as diversas práticas e atividades se organizam por contextos, ou melhor dizendo, por *esferas sociais de atividade ou de comunicação*. “(BRAIT;ROJO, s/d, p.7)

Para Bakhtin (2002), os textos que nos circundam e que são produzidos nas esferas de atividade, são *únicos e irrepetíveis* uma vez que sua produção se dá em um local específico, em um momento que não ocorrerá novamente; ou seja, essa produção textual será composta a partir de condicionantes do contexto social e histórico e ficará registrada nas diferentes formas de atividades de linguagem elaboradas pelos indivíduos inseridos em suas esferas de atividade. Essas práticas, no entanto, não estão isentas das ideologias que se encontram no emaranhado de vozes que constituem a sociedade. Assim, a palavra se apresenta de forma ideológica ao que Bakhtin chamou de *signo ideológico*, valores e

crenças que ficam demarcados em nossa produção textual, seja ela oral ou escrita. Desse modo, as palavras não estão isentas da ideologia de seu grupo social e estão ligadas ao seu local e ao período em que foram produzidas. Em *Marxismo e Filosofia da Linguagem*, obra do autor que foi inicialmente assinada por seu aluno e discípulo, Voloshinov, o estudioso se manifesta da seguinte maneira: “... cada época e cada grupo social têm seu repertório de formas de discurso na comunicação sócio-ideológica.” (BAKHTIN/VOLOSHINOV, 2002, p.43).

Nessa constituição dialógica entre o que já foi, o que está sendo e o que é, podemos observar que termos novos passaram a permear nossas conversas e nosso trabalho. Por outro lado, vocábulos já existentes ganharam destaque e outros caíram em desuso ou ficaram em segundo plano. A palavra “teletrabalho”, por exemplo, entrou em voga, e “covid”, “coronavírus”, “pandemia”, “máscara”, “quarentena”, “lockdown” e as expressões “álcool em gel”, “aulas remotas”, “distanciamento social”, “isolamento social” e “home office” também em uma pequena amostra da mudança de foco durante a pandemia. Observe-se que o uso da língua inglesa, como em “lockdown” e “home office”, por vezes supera a circulação de sua forma traduzida ou adaptada em língua portuguesa: “bloqueio total” e “teletrabalho”. O uso mais sistemático de algumas palavras ou expressões não significa, no entanto, que houvesse congruência nos posicionamentos e nos textos em que apareciam. O uso dos termos, bem como o modo de encará-los tornou-se um desafio em uma sociedade com vozes dissonantes, ou em termos bakhtinianos, uma *arena de conflitos*, com a expressão de ideologias polarizadas:

Em todo o ato de fala, a atividade mental subjetiva se dissolve no fato objetivo da enunciação realizada, enquanto que a palavra enunciada se subjetiva no ato de descodificação que deve, cedo ou tarde, provocar uma codificação em forma de réplica. Sabemos que cada palavra se apresenta como uma arena em miniatura onde se entrecruzam e lutam os valores sociais de orientação contraditória. A palavra revela-se, no momento de sua expressão, como o produto da interação viva das forças sociais. (BAKHTIN, 2002, p.66)

A produção de signos emerge da interação verbal quando o indivíduo se relaciona com o outro. O discurso, que se realiza na tessitura do texto e do contexto, traz à tona a expressão social dos grupos manifestantes. Então, uma roda de conversa pode fazer com que o indivíduo se manifeste e interaja com o outro de modo que essa produção tome corpo. Além disso, é na interação verbal que o estudante pode despertar para seu papel em sociedade e para as condicionantes sociais que o cercam. Belezia e Ramos (2011: p.14) discutem o papel da escola na formação do técnico:

“... Portanto, é compromisso da escola, no processo de formação do técnico, estimular o pensamento crítico dos alunos sobre temas contemporâneos relevantes no contexto social e econômico em que eles estão inseridos.” (BELEZIA; RAMOS, 2011, p.14)

Tal afirmação também se enquadra nos objetivos do ensino superior. Sobre esta, afirma Severino: “A educação superior tem uma tríplice finalidade: profissionalizar,

iniciar a prática científica e formar a consciência político-social do estudante.” (SEVERINO, 2007, p.22)

Em um ambiente inédito, tenso e carregado de desafios, o processo de reflexão por intermédio de práticas sociais permite, mediante os fatos que nos cercaram no primeiro semestre de 2020, fazer um levantamento inicial, investigar e dialogar com os dados recentemente coletados a partir da interação com os alunos da disciplina de Inglês IX-X. A interação com os textos orais e escritos permite criar um panorama de como esses estudantes, nesse recorte específico, perceberam sua aprendizagem de linguagem nas aulas remotas durante esse período. A importância dos dados coletados aumenta se pensarmos como este contexto é recente e singular, dadas as condições de saúde, urgência e estresse que envolveram. No texto *Gêneros: artimanhas do texto e do discurso*, Brait e Rojo comentam a importância das práticas sociais e o contexto em que ocorrem:

“... as atividades (de linguagem) que desempenhamos são diretamente dependentes das práticas sociais da cultura a que pertencemos. Toda sociedade se organiza por práticas sociais que definem um conjunto de atividades a desempenhar, e essa organização social é diferente de lugar para lugar, de época histórica para época histórica, de cultura para cultura.” (BRAIT; ROJO, s/d, p.4)

Uma vez tendo observado a singularidade do momento, a ferramenta investigativa para o professor reflexivo nos auxilia na construção desse cenário e nos faz pensar na emergência de novas práticas sociais. A partir da coleta das respostas dos alunos que foi realizada por intermédio de questionário realizado no aplicativo Forms e postado na plataforma Teams em julho de 2020 ao término do semestre, podemos observar e refletir sobre essas novas circunstâncias que se estabeleceram entre nós.

2. De como atua o professor reflexivo

Ao término do primeiro semestre de 2020, várias perguntas sobre a prática docente surgiram, mas todas tinham como foco a seguinte preocupação: Como posso aprimorar minha prática em aulas remotas em benefício da aprendizagem dos alunos? Dessa forma, procurou-se buscar dados fornecidos pelos próprios alunos. Primeiramente, rodas de conversa virtuais serviram para captar as preocupações iniciais dos estudantes. A partir dessa observação primeira, foi realizado um questionário sobre a percepção deles naquele momento e as respostas foram obtidas por intermédio de questionários eletronicamente distribuídos.

De acordo com McKay (2003:p. 9), a melhoria da prática de ensino é um dos benefícios de ser um professor reflexivo. Além disso, a autora também sustenta que a reflexão nos leva a rever nossa atuação de maneira que não se tornem rotineiras e ineficientes (podemos nos lembrar aqui que algumas ações, muito eficazes em algumas turmas, são completamente inócuas em outras); além disso, torna a ação mais consciente (não atuamos porque temos um determinado manual, mas com base em nossas particularidades para fins que almejamos). Em um primeiro momento, as dificuldades emocionais de alunos e professores para se lidar com o isolamento social, as incertezas e

a própria doença, e as questões tecnológicas (acesso a computadores e celulares, conexão adequada e conhecimento do uso da plataforma) foram mencionados pelos alunos. Do lado do professor, um questionamento constante era sobre como adequar práticas que até então eram presenciais para o modo remoto, incluindo-se aí, as questões referentes ao uso de metodologias ativas e avaliação de aprendizagem. Em termos práticos, a preocupação com o estresse do momento levou-me a conversar frequentemente com os alunos dando-lhes a liberdade de comentar o que sentissem vontade e a levar as aulas com mais leveza para que elas não se tornassem mais um foco de tensão.

No primeiro semestre de 2020, então, temos o seguinte panorama: as aulas foram iniciadas de modo presencial e tivemos cinco semanas face a face. Após o surgimento dos primeiros casos de contágio por Covid-19 em escolas e faculdades, a preocupação com a saúde pública começou a aumentar e foi decretado o afastamento das aulas presenciais. Professores e alunos precisaram se adequar ao momento, enviando atividades por meio do Siga e das mensagens eletrônicas. Um período de recesso foi estabelecido e as aulas foram temporariamente interrompidas. Antes do reinício das aulas, professores e alunos foram capacitados para as aulas remotas, que retornaram no mês de maio e se estenderam até o mês de julho. As questões realizadas para o questionário de final de semestre, refletem as preocupações vivenciadas por professores e alunos nesse período. As questões sugeridas aos alunos foram as seguintes:

1. Como você percebe sua aprendizagem em Língua Inglesa nas aulas remotas? (opções: muito boa; boa; regular; fraca; muito fraca)
2. Para você, em termos de aprendizagem, seu rendimento é melhor: (opções: nas aulas remotas; nas aulas presenciais)
3. Para o desenvolvimento de linguagens, você prefere: (opções – aulas remotas; aulas presenciais).
4. Você possui os recursos necessários para o pleno desenvolvimento da aprendizagem nas aulas remotas (Internet, equipamentos e local adequado para estudo)? (opções- sim; não; em parte)
5. Você acha que as condições técnicas (Internet, equipamentos e local adequado para estudos) interferiram em seu aprendizado? (opções- sim; não; em parte).
6. Com relação ao foco e à concentração necessários para o desenvolvimento dos estudos, você prefere: (opções: aulas remotas; aulas presenciais).
7. Seu estado emocional e/ou físico durante a pandemia interferiu em sua aprendizagem? (opções – sim; não; em parte).

As perguntas, portanto, apontam para as preocupações do contexto em que nos encontrávamos, permeando os aspectos da percepção da aprendizagem, da preferência individual com relação às aulas presenciais ou remotas, das condições técnicas que os alunos possuíam, do foco e da concentração nos encontros virtuais e, por fim, o estado emocional do aluno.

3. Atividades de linguagem nas aulas de língua inglesa

Em vista da necessidade da área de Comércio Exterior em comunicar-se em língua estrangeira, o curso ministrado nas Fatecs oferece o estudo da língua inglesa. Este é compulsório, e apresenta-se distribuído ao longo do curso cuja duração é de três anos. As aulas estão distribuídas em onze níveis, tendo o objetivo de levar o aluno do nível elementar ao intermediário. O enfoque é a comunicação oral, porém as habilidades de audição, leitura e escrita também são praticadas durante os encontros e as aulas são baseadas no *Communicative Approach* (abordagem comunicativa). Por ser um curso tecnológico e visando melhor adequação ao mercado de trabalho, a opção é por *Business English* (Inglês para Negócios) e o material orientador do nível na Fatec Zona Leste é o livro *Market Leader*, 3rd edition, Intermediate level, da Editora Pearson. Além do livro, materiais alternativos como vídeos, slides e áudios são usados para complementar o desenvolvimento das aulas, bem como um trabalho específico com inglês para Comércio Exterior.

Na fase inicial do uso do Teams, muitas atividades que fazíamos nas aulas presenciais tiveram de ser adaptadas e o aprendizado das ferramentas que a plataforma possuía naquele momento impactou o tempo dispensado para a preparação das aulas. Com isso, os primeiros encontros foram de adaptação tanto para estudantes, quanto para os docentes. Alguns discentes apresentaram uma atitude positiva com relação ao uso da tecnologia e participavam ativamente das aulas, incluindo-se aí, as manifestações orais. Alguns, sofreram com a falta de recursos materiais simples, como microfones ou internet adequada, o que pode tê-los impedido de desenvolver sua plena potencialidade. Os alunos podiam assistir às aulas remotas de modo síncrono; no entanto, em caso de impossibilidade, assistiam posteriormente o conteúdo gravado. Em termos de equipamento, acessavam a plataforma de seus computadores pessoais, notebooks, tablets ou de seus celulares (este último, muito frequente, permitindo que o aluno acessasse as aulas não só de sua casa, mas de outros ambientes como ônibus ou a sala de espera de um médico, entre outros).

4. Os resultados das respostas do questionário

Para a questão inicial sobre como os alunos perceberam sua aprendizagem nas aulas remotas, dos trinta respondentes, seis afirmaram ter sido muito boa, dezoito boa, 5 regular, nenhum aluno afirmou ter sido fraca e um afirmou ter sido muito fraca. Para a questão sobre como o aluno avaliava seu rendimento, doze afirmaram que este era melhor nas aulas remotas e dezessete, nas aulas presenciais; para o desenvolvimento das aulas de linguagens, doze respondentes afirmaram preferir as aulas remotas e dezessete, as presenciais; em termos de recursos necessários para o desenvolvimento das aulas remotas (Internet, equipamentos e local adequado para estudo), 19 alunos afirmaram possuir as condições adequadas, 1 afirmou não possuir as condições adequadas e nove afirmaram que possuíam em parte as condições necessárias. Há que se considerar, neste ponto, que o questionário foi aplicado somente aos alunos que efetivamente concluíram o semestre, não levando em conta eventuais desistências. Também vale ressaltar que o Centro Paula

Souza fez um acompanhamento dos alunos que se declararam sem condições técnicas para acompanhar as aulas. Para estes, o Centro forneceu chips para seus celulares.

Sobre se as condições técnicas interferiram em seu aprendizado, dez afirmaram que sim, nove afirmam que não e 10, em parte. Com relação ao foco e à concentração, oito alunos disseram preferir as aulas remotas e vinte e um, as aulas presenciais. Se o estado emocional e/ou físico interferiu na aprendizagem naquele momento, oito alunos que sim, dez que não e onze em parte.

Podemos observar, a partir dos dados apresentados, que apesar das circunstâncias difíceis do momento e da mudança brusca do ambiente presencial para o virtual, vinte e quatro, dos trinta respondentes, classificaram o seu desempenho como muito bom ou bom, o que apontou um dado surpreendente para a situação em que nos encontrávamos. Há que se observar que um estudante respondeu a primeira questão e não respondeu as demais, totalizando, nas questões de 2 a 7, vinte e nove respostas. Outro dado interessante foi que, apesar da mudança abrupta para o ambiente remoto, 12 dos 29 respondentes classificaram seu rendimento como melhor nas aulas virtuais, cerca de 41,4 % dos respondentes. Pela novidade do momento, esse dado aponta para um índice de aprovação das aulas remotas bastante relevante, patamar que se repete na questão 3. Na questão 4, sobre os recursos necessários, 65% dos alunos afirmaram que as possuíam, mas quando questionados se as condições técnicas interferiram em seu aprendizado, a situação se inverteu, com 20 alunos afirmando que sim ou em parte (68,9%). Tal dado pode sugerir que mesmo possuindo os recursos, a qualidade de equipamentos ou a instabilidade dos serviços de Internet, por exemplo, podem afetar o desempenho ou a participação dos alunos. Apesar das aulas em ambiente remoto terem conseguido uma significativa aprovação por parte dos alunos, quando observamos os aspectos do foco e da concentração, o índice se altera, mostrando que somente para oito alunos a preferência reside nas aulas remotas. Este é outro ponto interessante, uma vez que indica um aspecto dos estudos em ambientes remotos cuja atenção do professor pode se voltar e auxiliar seus alunos para que aproveitem melhor as aulas online. Por fim, o aspecto físico e/ou emocional, afetou 19 estudantes que responderam sim ou em parte neste item, outro item que aponta para a necessidade do professor observar e tentar estabelecer um ambiente positivo na sala de aula virtual, mesmo que isso pareça ao docente mais difícil do que no ambiente presencial.

5. Conclusão

Apesar da proposta deste relato não ser o de uma coleta massiva de dados, a prática da atuação reflexiva permite fazer com que os docentes mantenham o hábito de regularmente observar as mudanças do contexto social e histórico em que todos estamos inseridos e de como essas mudanças trazem aspectos relevantes para o comportamento discente e para a prática das atividades de linguagem que produzem. A sistematização dos dados coletados também pode apontar para novas tendências, mudanças de hábitos sociais e aspectos emocionais dos respondentes.

A produção de linguagem na esfera de atividade acadêmica se fez presente por intermédio da fala, nas rodas de conversa, quando alunos revelaram suas preferências e também, suas diferenças de opinião, demarcando, assim, seus posicionamentos. Os alunos foram convidados a se manifestar e respeitou-se o direito ao silêncio daqueles que não quiseram opinar na roda.

O formulário produzido no Forms a partir do que os próprios alunos mencionaram foi distribuído eletronicamente e no formato de múltipla escolha, o que de certa forma, impede a livre manifestação do indivíduo que queira expressar algum modo de pensar diferenciado. Entretanto, ambas as produções, oral e escrita, são plenas dos signos ideológicos de cada indivíduo, demonstrando e impregnando a manifestação de linguagem com valores do passado, agora revisitados e renovados por conta do impacto da pandemia.

A mudança nos hábitos regulares dos docentes que atuavam em aulas presenciais, obrigou-os a encarar novos dilemas e desafios a partir de sua experiência anterior e de novos conhecimentos, como o uso de aplicativos e plataformas digitais. Usar as rodas de conversa, questionários e debates e adequá-los às aulas remotas síncronas pode revelar caminhos a serem explorados e usados em nossa prática docente. O fato de os discentes terem tido uma percepção positiva de sua aprendizagem em um semestre tão peculiar demonstra a viabilidade de explorarmos o ambiente virtual para os cursos tecnológicos. Isso não significa, no entanto, que esta é uma possibilidade já constituída e finalizada. Há que se debater o amplo acesso aos meios digitais, plataformas voltadas para a educação e serviços digitais de qualidade, bem como o acesso amplo a equipamentos tanto para professores quanto para os alunos para que todos possam se desenvolver plenamente.

O aspecto do foco e da concentração dos discentes também merece atenção. Futuros estudos sobre como auxiliar os estudantes para que se concentrem melhor nas aulas virtuais, deverão levar em conta o estilo de vida, o ambiente e as características pessoais dos indivíduos para que possam ser delineadas práticas adequadas. Vídeos explicativos sobre o assunto, palestras e orientações em aula podem fazer parte das ações acadêmicas, visando melhorar o desempenho do aluno.

O impacto emocional foi registrado nas respostas dos alunos, e por se tratar de um momento único (ainda não finalizado quando do momento da realização deste texto), demandará ainda um trabalho a longo prazo para que se perceba como os indivíduos estão sendo afetados. O fato de observarmos o registro das respostas discentes, no entanto, não elimina a reflexão de que também os docentes estão sendo afetados emocionalmente. Isto implica em aceitarmos que tanto discentes como docentes devem estar atentos para os aspectos de sua saúde emocional em seus percursos de vida.

A prática reflexiva, portanto, pode sugerir caminhos a serem seguidos e questões a serem observadas e pesquisadas, sendo uma ferramenta bastante pertinente ao trabalho docente, bem como a observação do momento e condições em que se realiza a ação docente. O processo de reflexão, entretanto, só se concretiza nas práticas de linguagem, permitindo assim, o registro de momentos *únicos e irrepetíveis* passíveis de observação e análise.

Referências Bibliográficas

- BAKHTIN, M.. *Questões de Literatura e Estética: a teoria do romance*. 5ª.ed. (tradução de Aurora Fornoni Bernardini; José Pereira Jr., Augusto Góes Jr., Helena Spryndis Nazário; Homero Freitas de Andrade). São Paulo: Annablume/ HUCITEC), 2002.
- BAKHTIN/ VOLOSHINOV, M.; V.N. *Marxismo e Filosofia da Linguagem*. 10ª.ed. , São Paulo: Editora HUCITEC/ Annablume, 2002.
- BELEZIA; RAMOS; E. C.; Ivone M. L. *Núcleo básico: planejamento e desenvolvimento do TCC – São Paulo: Fundação Padre Anchieta, 2011.*
- BRAIT; ROJO, B.; R. *Gêneros: artimanhas do texto e do discurso*. São Paulo: Escolas Associadas, s/d.
- HARMER, J.. *The Practice of English Language Teaching*. New Edition. London/N.Y: Longman, 1991.
- MCKAY, S. L. *O Professor Reflexivo: Guia para Investigação do Comportamento em Sala de Aula* (tradução Renata Oliveira). São Paulo: Special Book Services Livraria, 2003.
- SEVERINO, A.J. *Metodologia do Trabalho Científico*. São Paulo: Cortez Editora, 2007.